

## Editorial

O número 7 da revista eletrônica *arq.urb* foi reformulado do ponto de vista gráfico para adequá-lo ao meio digital no qual se desenvolve. Sua estrutura, no entanto, foi mantida, com as mesmas seções: “Artigos” acadêmicos de diferentes autores, “Projetos” selecionados pelos Editores, “Pontos de Vista” que invitam a pensar ou a informar-se sobre o que está acontecendo ou por acontecer no campo da pesquisa sobre arquitetura e urbanismo, e finalmente, textos de alunos que, estando “Em Formação”, representam o futuro do desenvolvimento das disciplinas envolvidas.

A temática deste número trata dos meios de representação no campo da arquitetura e do urbanismo. Parte-se da premissa de que estes não se caracterizam apenas como instrumentos indispensáveis para o desenvolvimento das etapas de projeto, mas que se constituem no resultado imanente da própria prática (como *poiësis*). A validade dessa premissa, que evidentemente pode

ser contestada, implica aceitar (ou propor) que os modos adotados pelas representações no decorrer da história determinam significativamente o resultado final do projeto, uma vez que conformam sua essência. Discutir a respeito dessa essência é também a proposta deste número: estaria ela na arquitetura desenho, como expressou Robin Evans? Na arquitetura construção, como defenderam Julien Guadet e Vilanova Artigas? Ou, contestando a premissa inicial, poderíamos conceber a arquitetura à margem de um sistema de representações? Poderíamos concebê-la à margem de um sistema construtivo?

Em resposta a essas questões, Maria Augusta Justi Pisani, professora da FAUUPM, e Erica Lemos Gil, professora da USJT, afirmam que “arquitetura é construção” e especulam “sobre o valor do conhecimento dos processos construtivos no desenvolvimento do projeto de arquitetura e urbanismo”, tanto no âmbito profissional como

no acadêmico. Encadeiam assim uma discussão sobre o “fazer” que se encontra no processo de projeto de arquitetura e repercute na obra construída. No entender das autoras, a apreciação desse processo não deveria se ater exclusivamente a desenhos e imagens, pois se limitaria ao campo do projeto, ao passo que incorporar a obra propriamente dita possibilitaria considerar tanto seu desempenho pós-uso, quanto as relações efetivas que esta estabelece com o contexto em que se insere. Ao aproximar a experiência das professoras Maria Augusta e Erica, com tempos distintos de formação e dedicação ao ensino, a pesquisa aponta para a proposição comum de que “as relações entre arquitetura, estrutura e construção são estreitas e dinâmicas e carecem ser praticadas durante a formação acadêmica com intensidade e criatividade para serem absorvidas pelos estudantes”.

João Yamamoto, mestrando da FAUUSP, por outro lado, destaca em seu artigo a necessidade investigar acerca do processo de elaboração do projeto de arquitetura e indica o diagrama como ferramenta essencial desse processo, capaz não somente de elucidar o modo de operar, como também de propiciar uma melhor compreensão sobre a própria arquitetura. Segundo o autor, os novos (e antigos) processos de representação e as ferramentas de projeto não são apenas o meio através dos quais nos expressamos ou nos relacionamos com o mundo, mais do que isso “definem o nosso mundo, são máquinas de invenções,

lugares de descoberta”. Apoiado no pensamento de Charles Sanders Peirce, para quem o diagrama está na base de todo raciocínio elementar, estabelece a chave de leitura para o entendimento da importância do diagrama na configuração de um processo de produção que explicita a própria natureza da ação arquitetônica. Yamamoto intenta assim, conforme sugere Paul Valery, aprofundar sua maneira de pensar pela maior aproximação com seu objeto de estudo. E, ao tecer relações, passa dos mapas do Metrô de Londres, ao registro fotográfico da escultura *La Muse Endormie*, de Constantin Brancusi, presente no Centro George Pompidou, para se deter, afinal, no trabalho de Peter Eisenman representado pela célebre série de casas projetadas entre 1967 e 1980. Se nos diagramas londrinos, o esquema gráfico dissocia-se das bases cartográficas e das relações espaciais concretas da cidade, nas fotografias da escultura de Brancusi, a superfície oval, em bronze polido, reflete inelutavelmente o espaço que está a sua volta. A experiência de Eisenman, por sua vez, propicia explorar a arquitetura como uma “operação estritamente mental” que nega qualquer referência à materialidade ou à tectônica. Consagra, desse modo, o projeto enquanto campo intelectual apartado do mundo real, em que o processo ganha relevância sobre o objeto acabado. Uma referência em aberto à produção instigante de Theo Van Doesburg dos anos 1920, tema fundamental para o entendimento da noção de espaço e de diagrama na modernidade, deixa pistas dos próximos passos a serem percorridos.

Rogério de Castro Oliveira e Maria Paula Recena, ambos do Departamento de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, nos convidam a “explorar representações não convencionais no âmbito do projeto arquitetônico, advindas de outros campos de produção artística”. A contaminação figurativa da arquitetura tem sido amplamente trabalhada por muitos autores e, seguindo essa trilha, o trabalho discorre sobre a transposição de práticas do artista para as do arquiteto, e repensa os sistemas de notação. Parte-se do princípio de que a concepção e a representação da obra sejam processos indissociáveis. As referências não se limitam ao campo da pintura, mas percorrem da coreografia, à música, aproximando as experiências de Kandinsky, Cage e Tschumi. Interessa a essa investigação atentar para um projeto cujas referências não estejam em marcos espaciais fixos, mas que se funde em trajetórias efêmeras, no qual é crucial o problema da mobilidade das configurações que participam da composição. Sendo assim, os sistemas de notação empregados devem registrar o fluxo das possíveis transformações do objeto projetado. À maneira das notações coreográficas mencionam-se as *coreografias arquitetônicas*. Nessa perspectiva são apresentadas as práticas de pesquisa de Maria Paula Recena que aproximam os *objetos coreográficos* propostos do coreógrafo William Forsythe ao “sistema de lugares, caminhos e eventos” de Tschumi, em uma proposta que transita entre cenografia e arquitetura.

Em seu trabalho, o arquiteto espanhol Miguel Janicke Fontao, fundador do coletivo VIC e doutorando da ETSAM, alinhado ao pensamento do filósofo espanhol Eugenio Trías, defende que a arquitetura é uma “arte fronteiriça”, na medida em que pode ser entendida, ao mesmo tempo, como arte científica e ciência artística. A arquitetura como a música, organiza-se sobre componentes espaciais e temporais que permitem o estabelecimento da vida humana e suas realizações. Como assinala o autor, essa percepção da arquitetura como arte, tem sido contestada pela articulação de “sistemas e teorias que pretendem estabelecer um método objetivo e transferível”, em síntese, um método “científico” que evite a recorrência a elementos arbitrários, típicos do mundo da arte. Essas teorias utilizam diferentes parâmetros que vão desde o estudo de padrões históricos (tipológicos, por exemplo), até combinações de soluções modelares definidas pelas ciências exatas (como a estatística). O autor estuda a transferência da preeminência de critérios subjetivos observada no trabalho dos arquitetos, a partir do século XV, para um exercício circunscrito no âmbito de um consenso coletivo (intersubjetivo) que prioriza a intervenção do usuário na validação final do objeto arquitetônico. Substitui-se, desse modo, o conceito de autoria pelo de mediação técnica nos processos de geração arquitetônica e urbanística. As referências a arquitetos pouco explorados atualmente, como Christopher Alexander ou Yona Friedman, enri-

quece o escopo dessa pesquisa, apontando códigos interpretativos diferentes dos que estamos acostumados a ver hoje em dia.

Fecha seção de “Artigos” o trabalho, autobiográfico, do arquiteto e artista plástico mexicano Vicente Guzman, professor da UAM-Xochimilco. Um relato emotivo e pleno de interesse sobre a atividade do artista que, mediante seu trabalho de captação da realidade, através do desenho (e da aquarela), dispõe-se a um exercício de pesquisa das relações estabelecidas entre os grupos sociais e o espaço. Uma prática que, sob um enfoque desavisado, poderia ser entendida como um *“dolce far niente”* coloca-se aqui como um “exercício sensorial e cognitivo onde a mão põe a trabalhar os dois hemisférios do cérebro”. O intuito é desenvolver uma análise dos processos de uso e apropriação socioespacial da cidade, vislumbrando um duplice alcance: a pesquisa plástica, com claras pretensões estéticas, mas que também pode ser compreendida como uma “metodologia de pesquisa qualitativa”.

Na seção de “Projeto” apresentamos parte da documentação original do projeto da Capela São Judas Tadeu, de autoria dos arquitetos Maria Zarria Uehbe Dubena e Shieh Shueh Yau. Acompanha a documentação, cedida pelo arquiteto Shieh, um texto de Fernando Vázquez Ramos, professor da USJT e co-Editor desta revista, em que analisa o pequeno edifício religioso, enco-

mendado pelo professor Alberto Mesquita de Camargo, em 1983, para servir à Universidade São Judas Tadeu e à comunidade da Mooca, bairro tradicional onde se encontra a universidade. A capela, construída em tempo recorde (quatro meses, no ano de 1985) foi submetida a algumas alterações que, embora aparentemente insignificantes, alteram parte das intenções do projeto original. O artigo discute a problemática da relação entre o projeto e a construção, além de tecer considerações sobre as transformações produzidas no transcurso do tempo.

No seguinte artigo apresentamos a experiência do *“Vivero de iniciativas ciudadanas”* (Viveiro de iniciativas da cidadania), cujo objetivo pode ser compreendido por meio da apreciação das “transferências da inovação social ao espaço público”, o que pressupõe reafirmar o espaço urbano como espaço comum à cidadania. Trata-se de uma iniciativa de jovens arquitetos espanhóis que atuam desde 2008, através de uma estrutura participativa que se desdobra em duas ações conjugadas: uma plataforma aberta disponível na Web e um trabalho de campo, em contato direto com o território e a população. De caráter colaborativo, essa plataforma está orientada a promover, difundir, analisar e apoiar iniciativas e processos críticos, que a partir do interesse das comunidades envolvidas, possam ser colocados em prática no território, na cidade ou no espaço público em geral.

Fechando a seção de Projetos apresentamos o

interessante trabalho do coletivo PKMN, formado em Madri em 2006 por um grupo de jovens arquitetos: Carmelo Rodríguez, David Pérez, Rocío Pina e Enrique Espinosa que explora os ambientes urbanos usando recursos tecnológicos e tipológicos relacionados com a representação e a construção da cidade. O trabalho parte do pressuposto da relação que a memória local mantém com a cultura contemporânea procurando ambientes urbanos que vinculem a cidadania com sua identidade cultural através de jogos e ação cidadã encorajando práticas de participação e de inovação social em projetos que desenvolvem um aprendizado ativo num meta-laboratório que entende o espaço da cidade mediante o desenho, e a percepção da paisagem urbana em tempo real. O grupo apresenta neste texto suas experiências em diferentes cidades espanholas e latino-americanas.

Na seção “Ponto de Vista” apresentamos o Seminário Internacional *“Representar Brasil 2013: As representações na Arquitetura”*, uma iniciativa inédita de cinco instituições de ensino superior (quatro brasileiras: USP, USJT, UPM, SENAC; e uma da República Argentina: FADU-UNL), reunidas com o propósito dar continuidade à proposta do Primeiro Seminário Representar 2010, realizado no México, com o apoio e a organização dos professores da Universidade São Judas Tadeu e da mexicana Universidad Autónoma Metropolitana-Xochimilco. A perspectiva deste segundo seminário é a de consolidar um amplo campo internacional de estudos sobre as representações no campo da arquitetura, do urbanismo e

do design. O Seminário Internacional “Representar”, Brasil 2013, que acontecerá em agosto de 2013 estará sediado na FAUUSP e promoverá atividades de comunicação, reflexão e debate sobre as representações e suas relações com os processos de projeto em arquitetura, urbanismo e design. Pretende reunir pensadores, críticos, historiadores, teóricos e profissionais, com visões variadas e abrangentes sobre o tema, colocando em discussão a natureza das representações, seus papéis, potencialidades e interações no mundo contemporâneo.

Por fim, na seção “Em Formação” apresentamos um escrito de 1991, em que uma aluna da FAUUSP, Ana Paula Scabello Mello, apresenta e descreve, de maneira clara e eloqüente, a Capela São Judas Tadeu. Esse trabalho dialoga, de certa forma, com o artigo sobre a Capela que se encontra na seção “Projetos”, representando um estudo acadêmico do projeto da capela, elaborado no âmbito da disciplina Arquitetura Religiosa no Brasil. Ana Paula Scabello Mello, hoje mestre pela FAU-USP e professora do Instituto Mauá de Tecnologia e do *Istituto Europeo di Design*, foi convidada a escrever, para este número da revista, um posfácio, que acompanha o texto estudantil. A produção acadêmica elaborada na graduação, revisitada na contribuição presente, tem o interesse de ilustrar um arco de sua trajetória que transcorre da atividade discente para o campo do ensino da arquitetura.

Eneida de Almeida  
Fernando G. Vázquez Ramos

